

Nietzsche: o Ressentimento e a Transmutação Escrava da Moral

RESUMO

Este artigo trata da crítica nietzscheana aos valores que permeiam a nossa cultura. E avaliar esses valores, diz Nietzsche, é antes de tudo por em discussão a transvaloração cultural promovida pela moral judaico-cristã a partir do seu fundamento último que é o ressentimento. Na sua obra *Genealogia da Moral*, mais precisamente na primeira dissertação, o autor faz uma avaliação de como os valores “bom e ruim”, criados por uma moral dos senhores, foram transformados em “bom e mau”, respectivamente, pela moral dos escravos. Segundo ele, todos os valores estabelecidos pela nossa cultura, nada mais são do que o resultado de uma transvaloração de valores nobres, originário de um povo livre e forte, para uma cultura de valores fracos e decadentes forjada por uma moral escrava e doente. Uma moral metafísica que, por fim, oferecerá ao fraco, o sentido da vida e do seu sofrimento. Assim, pautado na sua avaliação, tentar-se-á mostrar aqui que para Nietzsche o ressentimento ocupa um lugar central na história da emergência de uma determinada forma de valoração, a escrava.

Palavras-chave: Nietzsche; Ressentimento; Moral escrava; Valores.

ABSTRACT

This article discusses the nietzschean's criticism about the values that permeate our culture. And evaluating these values, says Nietzsche, is to put in discussion, first and foremost, the cultural transvaluation promoted by Judeo-Christian morals, from its ground – that is the resentment. In his *Genealogy of moral*, more precisely in its first dissertation, the author makes an assessment of how the values “good and bad”, created by a moral of lords, transformed into “good and evil” respectively, by a moral of slaves. According to him, all values established by our culture are nothing more than the result of a transvaluation of the noble values, originated from strong and free people, towards a culture of weak and decadent values, forged by slave and weak people. A metaphysical moral that finally provides the weak a meaning for his life and suffering. Thus, based on his assessment, we try to place here that, for Nietzsche, the resentment occupies a central place in the history of the emergence of a particular form of valuation, the slave one.

Key words: Nietzsche; Resentment; Moral slave; Values.

* Mestre em Filosofia pela Universidade Federal do Ceará (UFC / Funcap).

A *Genealogia da Moral*, obra escrita em 1887 pode ser compreendida de duas maneiras distintas, a saber: tanto como um procedimento criado por Nietzsche de fundamental importância para a execução do seu projeto filosófico final que é o de transvaloração de todos os valores; como também uma genealogia que vai mostrar a interiorização gradual do ressentimento a partir de três aspectos distintos. Assim, associado à teoria da vontade de poder, o tema do ressentimento ocupará um lugar central em toda a *Genealogia da Moral*, uma vez que o mesmo assume diversas configurações com a pretensão de se ajustar a diferentes objetivos.

Neste exato momento, tem-se aqui como escopo apontar que, em algumas passagens da primeira dissertação, o ressentimento funciona como um instrumento, um organismo usado para favorecer a emersão de uma determinada forma de moral, a escrava. Relacionado a um problema fisiológico, o ressentimento serve para evidenciar aquele homem sem forças para reagir diante dos imprevistos e das dificuldades da vida e que, também, não consegue digerir os maus sentimentos, aqueles sentimentos nocivos, venenosos, produzidos por sua incapacidade de realizar “a verdadeira reação, a dos atos.” (NIETZSCHE, 2006, p. 29). Dessa forma, esse indivíduo passa a manifestar um desequilíbrio psicológico que o impossibilita de viver de forma espontânea, ativa; e movido por “uma vingança imaginária”, passa a viver em função de “um ‘fora’, um ‘outro’, um ‘não-eu’ – e este Não é seu ato criador”, já que “esta inversão do olhar que estabelece valores – este necessário dirigir-se para fora, em vez de voltar-se para si – é algo próprio do ressentimento.” (NIETZSCHE, 2006, p. 29). A compreensão de sua própria fraqueza e o sentimento de decepção em decorrência da impossibilidade da ação gera um rancor, uma vontade de ferir e magoar aquele que o desprezou. Assim, surge nele um desejo de vingança que a sua covardia o impossibilita de realizar, a não ser de um modo falso e inventivo, uma vez que o homem do ressentimento é afeito a atitudes suspeitas e evasivas.

O homem do ressentimento não é franco, nem ingênuo, nem honesto e reto consigo. Sua alma olha de través; ele ama

os refúgios, os subterfúgios, os caminhos ocultos, tudo escondido lhe agrada como seu mundo, sua segurança, seu bálsamo; ele entende do silêncio, do não-esquecimento, da espera, do momentâneo apequenamento e da humilhação própria. Uma raça de tais homens do ressentimento resultará necessariamente mais inteligente que qualquer raça nobre, e venerará a inteligência numa medida muito maior. (NIETZSCHE, 2006, p. 29).

Na primeira dissertação da *Genealogia da Moral*, intitulada *Bom e Mau, Bom e Ruim*, a partir do procedimento genealógico, Nietzsche revela como surgiu duas formas antagônicas de valoração: uma oriunda da coragem e da força, afirmadora dos instintos e do mundo, cunhada por uma linhagem guerreira; outra, originada na fraqueza, na doença, negadora dos instintos vitais, forjada por uma linhagem escrava. Partindo de uma comparação entre esses dois tipos de moral, Nietzsche estabelece uma tipologia que assinala a diferença entre uma moral aristocrática e outra sacerdotal, criada pelo povo judeu. Decorrente de sua própria enfermidade, do seu estado de degenerescência vital, a moral sacerdotal criada pelos judeus e, posteriormente, disseminada pelo cristianismo, resolve instaurar um *outro mundo*. Um mundo metafísico, além deste, melhor do que este, usado para julgar este mundo e a vida, a partir do ódio, do rancor, do sentimento de vingança.

O olhar crítico do genealogista – capacitado por um denso estudo etimológico em diversas línguas sobre as noções morais – lhe permite afirmar que os modos de valoração “bom e ruim”, “bom e mau” têm origens distintas, onde geralmente o primeiro está ligado ao nobre, rico, aristocrático e, o segundo, ao pobre, fraco, doente, medroso, escravo.

A partir dessa suposição e, de forma bastante categórica, Nietzsche irá fustigar o cristianismo e a sua moral, afirmando que os valores “bom e mau” da moral escrava, procedem de uma transmutação conceitual dos valores “bom e ruim” da moral aristocrática. De como o que era bom (nobre) se transformou em mau e o que era mau (escravo) se tornou bom pela moral do ressentimento, mostrando que os valores da nossa cultura têm sua raiz nos judeus,¹ segundo

¹ Antes de tudo, cabe aqui o registro sobre a ambigüidade que envolve a relação entre o judaísmo e o cristianismo ao longo do pensamento de Nietzsche. Pois, se de um lado o filósofo confere ao judaísmo, se não a criação, mas pelo menos a difusão para o Ocidente

Nietzsche, “o povo sacerdotal do ressentimento *par excellence*.” (NIETZSCHE, 2006, p. 44). Porém, tal compreensão se torna impossível, diz Nietzsche, caso não seja seguida de uma análise histórica, uma vez que a história contribui de maneira decisiva para o processo de desenvolvimento e transformação dos valores morais.

É por isso que nos §§ II e III da primeira dissertação da *Genealogia da Moral*, Nietzsche profere severas críticas aos psicólogos e utilitaristas ingleses afirmando que, o grande problema da tradição filosófica, é que não há por parte desta nenhum espírito histórico na sua concepção de moral ao tratar a mesma de maneira “essencialmente a-histórica”, na medida em que trata a genealogia da moral de uma forma grosseira e ordinária ao investigar a origem do conceito “bom”. Primeiro, diz ele, por afirmarem as ações não egoístas como boas por serem úteis àqueles que por elas se beneficiaram² e, segundo, pelo fato de que essas ações habitualmente terem sido consideradas boas como o *bom* em si mesmo. Outro equívoco dos psicólogos da moral foi também estabelecer o conceito “bom” como essencialmente igual a “útil” no sentido de “valioso no mais alto grau”, “valioso em si”. Para Nietzsche, o que esses historiadores não entendem é que o que há por trás dessa valoração, isto é, da idéia de “bom”, não é uma utilidade que de antemão pressupõe uma moderação, nem uma valiosidade, mas o poder que uma casta mais nobre possui de criar valores que demarquem hierarquias. Logo, diz Nietzsche, a origem da oposição “bom” e “ruim” não parte do ponto de vista da utilidade, nem tampouco de ações não egoístas, e sim dos nobres. Os “bons mesmos”, aqueles da casta mais elevada, que, por serem superiores, estabeleceram o que é bom e o que é ruim a partir dos

seus atos, ou seja, o “bom” é aquilo que partia deles mesmos e o “ruim”, aquilo proveniente do povo baixo, da ralé, do plebeu. O *pathos* da nobreza e da distância, diz Nietzsche, é a verdadeira origem do “bom” e do “ruim”:

Foram os bons mesmos, isto é, os nobres, poderosos, superiores em posição e pensamento, que sentiram e estabeleceram a si a seus atos como bons, ou seja, de primeira ordem, em oposição a tudo que era baixo, de pensamento baixo, e vulgar e plebeu. Desse *phatos da distância* é que eles tomaram para si o direito de criar valores: que lhes importava a utilidade! Esse ponto de vista da utilidade é o mais estranho e inadequado, em vista de tal ardente manancial de juízos de valor supremos, estabelecadores e definidores de hierarquias: ai o sentimento alcançou bem o oposto daquele baixo grau de calor que toda prudência calculadora, todo cálculo de utilidade pressupõe – e não por uma vez, não por uma hora de exceção, mas permanentemente. O *phatos da nobreza e da distância*, como já disse, o duradouro, dominante sentimento global de uma elevada estirpe senhorial, em sua relação com uma estirpe baixa, com um “sob” – eis a origem da oposição “bom” e “ruim”. (O direito senhorial de dar nomes vai tão longe, que nos permitiríamos conceber a própria origem da linguagem como expressão de poder dos senhores: eles dizem “isto é isto”, marcam cada coisa e acontecimento com um som, como que apropriando-se assim das coisas). (NIETZSCHE, 2006, p. 19).

Se a linguagem oferece um poder de força para que o nobre pudesse se assenhorar das coisas e dos acontecimentos, é porque existe um

da teocracia e a mentira sagrada da hierarquia sacerdotal, por outro, ele não se furta em sublimar a obstinação do povo judeu e sua superioridade em relação a outros povos como ele deixa bem claro nesse aforismo de *Além do Bem e do Mal* no qual se questiona pela imbecilidade do anti-semitismo. “Mas os judeus são, sem qualquer dúvida, a raça mais forte, mais tenaz e mais pura que atualmente vive na Europa” (NIETZSCHE, 1992, p. 159). Não esquecendo também de observar, que no *Anticristo*, sob o foco da reflexão genealógica, ele termina por exaltar não exatamente os gregos, como geralmente o faz, mas o povo de Israel e o seu Deus Javé, que “era a expressão da consciência de poder, da alegria consigo, da esperança por si: nele esperava-se vitória e salvação, com ele confiava-se na natureza, que trouxesse o que o povo necessitava – chuva, principalmente. Javé é o deus de Israel e, por conseguinte, deus da justiça: a lógica de todo o povo que está no poder e tem boa consciência.” (NIETZSCHE, 2007, p. 30). Desse modo, Javé era o próprio povo, seu pensamento e sua imagem sintetizada, a projeção de sua fortaleza e soberania. Um povo orgulhoso de seu modo aristocrático de vida, e que só queria antes, “triunfar com seu Deus e expulsar do mundo todos os deuses alheios” (KSA XIII 11[346]. In: BARROS F.M. *A maldição transvalorada: o problema da civilização em O Anticristo* de Nietzsche, p. 42).

² Vale ressaltar, que neste momento a crítica de Nietzsche se dirige ao modo de valorizar altruísta do Dr. Paul Réé na sua obra *A Origem das Impressões Morais*, a qual o filósofo não pouparia críticas nem ironia.

processo de transformação conceitual ao qual Nietzsche chama de um “problema silencioso”, onde

[...] nas palavras e raízes que designam o bom, transparece ainda com frequência a nuance cardeal pela qual os nobres se sentiam homens de categoria superior. (NIETZSCHE, 2006, p. 21/22).

E através de uma análise etimológica do conceito “bom”, pode-se chegar ao caminho dessa investigação, pois se em toda parte “nobre” corresponde a “bom”, também será comum tomar-se “plebeu”, “comum”, por “ruim”. Portanto, as palavras e conceitos que designam o que é “bom”, frequentemente se referem aos nobres e superiores. Em contrapartida, aquilo que está marcado como “ruim”, diz respeito ao que é pobre, baixo, inferior.

Porém, essa designação se dá conforme aqueles que estão no poder. Essa regra se aplica a todos os seguimentos, tanto no político, no social como no sacerdotal. Neste último, marcado por uma primazia espiritual, haverá a transmutação dos predicados “puro e impuro”, que lembram sua função sacerdotal em “bom e ruim”, respectivamente. Através desta transmutação de conceitos, a aristocracia sacerdotal criou valores em forma de cura para as supostas doenças da humanidade. E dentre os remédios criados pelo sacerdote, aquele que foi apresentado como a cura radical da enfermidade humana, foi o que mais dano causou à humanidade: Deus, a verdade suprema. Por meio da idéia de verdade como juízo de valor, a aristocracia sacerdotal pôde codificar e simplificar o mundo em detrimento da multiplicidade, da variedade, do movimento. Na verdade, diz Nietzsche, esse conhecimento metafísico, tem como meta criar uma identidade, uma unidade que a vida não possui. Dentro do conceito de verdade, existe uma avaliação da vida que nega o fluxo, o movimento, a guerra de forças. A verdade não pode ser usada como critério de avaliação da vida. Só a vida possui esse critério. A vida como vontade de poder, da qual na segunda dissertação da *Genealogia da Moral*, é identificada como *instinto de liberdade*, – uma força ativa, instintiva, capaz de criar e imprimir formas, que para Nietzsche, teria impellido a “uma raça de conquistadores e senhores [...] regidos por aquele tremendo egoísmo de artista”, (NIETZSCHE, 2006, p. 75) a organizar e fundar o “Estado”.

O modo de valoração sacerdotal deriva, portanto, do modo cavalheiresco-aristocrático, porém depois se desenvolve em seu contrário. Se o modo de vida aristocrático se conserva na guerra, na aventura, na caça, no acúmulo de vitórias, o modo de vida sacerdotal se conserva na impotência, na fraqueza e de forma venenosa, desforra-se de seus inimigos através de uma radical inversão de seus valores que é a mais espiritual vingança, onde

Os miseráveis apenas são os bons, apenas os pobres, impotentes, baixos são bons, os sofredores, necessitados, feios, doentes são os únicos beatos, os únicos abençoados, unicamente para eles há bem aventurança – mas vocês, nobres e poderosos, vocês serão por toda a eternidade os maus, os cruéis, os lascivos, os insaciáveis, os ímpios, serão também eternamente os desventurados, malditos e danados!. (NIETZSCHE, 2006, p. 26).

Conclui-se que com os judeus se inicia a revolta dos escravos na moral que depois de dois mil anos se tornou vitoriosa. Uma vitória difícil de ver, pois o longo é difícil de ver. E do tronco daquela árvore da vingança e do ódio brotou um novo amor. O amor cristão, o amor redentor vindo de Jesus de Nazaré. E este amor, em princípio de aparência antagônica e desintegrador de Israel, não surgiu como uma negação ao ódio judeu, e sim, como um coroamento deste. Para Nietzsche, a crucificação de Cristo foi uma farsa e até hoje a transvaloração dos valores por parte dos judeus triunfou sobre os ideais mais nobres.

A redenção do gênero humano (do jugo dos senhores) está bem encaminhada: tudo se judaíza, cristianiza, plebeíza visivelmente (que importam as palavras). (NIETZSCHE, 2006, p. 28),

parece ter havido com essa vitória um envenenamento do sangue misturando todas as raças.

A crítica nietzscheana sobre a maneira escrava de avaliar já atingia um caráter bastante contundente em *Além do Bem e do Mal* – escrito ao qual a *Genealogia da Moral* serve como apêndice – ao declarar que foi com o povo judeu que teve início a revolta escrava na moral:

Os judeus – um povo ‘nascido para a escravidão’, como diz Tácito, e com ele

todo o mundo antigo, 'o povo eleito entre as nações', como eles mesmos dizem e crêem – os judeus realizaram esse milagre da inversão dos valores, graças ao qual a vida na terra adquiriu um novo e perigoso atrativo por alguns milênios – os profetas fundiram 'rico', 'ateu', 'mau', 'violento', e 'sensual' numa só definição, e pela primeira vez deram cunho vergonhoso à palavra 'mundo'. Nessa inversão dos valores (onde cabe utilizar a palavra 'pobre' como sinônimo de 'santo' e 'amigo') reside a importância do povo judeu: com ele começa a *rebelião escrava na moral*. (NIETZSCHE, 1992, p. 95)

A moral nobre, diz Nietzsche, é oriunda de uma atividade natural das forças agressivas que buscam seu desenvolvimento, sua expansão, sua ascendência, e que vê o outro não como algo negativo, mas como um estímulo para que ele possa dizer Sim a si mesmo e à vida. Para Nietzsche, na medida em que a moral nobre nasce de um Sim afirmador da vida, a moral escrava nasce de um Não. Não a tudo que é diferente dela, a um "não-eu". E toda a sua criação nasce desse Não. Segundo ele, a força do escravo está justamente na capacidade de inverter os conceitos, e através desta inversão, produzir novas interpretações, que vão gerar valores não a partir de si mesmo, mas da auto-interpretação do senhor. Porém, ainda não satisfeito, o escravo distorce a interpretação para voltá-la contra a dominação dos senhores. Bem diferente da moral aristocrática, a moral do povo do ressentimento constrói sua felicidade de uma forma artificial. Os "bem nascidos", afirma Nietzsche, construíam eles mesmos a sua felicidade, e esta, estava totalmente ligada à ação. Para eles, a ação é algo constitutivo da felicidade, diferentemente dos impotentes que construíam a felicidade artificialmente, mentindo para si mesmos. O homem nobre é reto, franco consigo mesmo, enquanto o fraco não é honesto, ele ama mais os caminhos ocultos, os subterfúgios. No entanto, o homem do ressentimento será inevitavelmente mais perspicaz que o homem nobre, pois "[...] venerará a inteligência numa medida muito maior: a saber, como uma questão de existência de primeira ordem," (NIETZSCHE, 2006, p. 30) como uma instância consciente que lhe possa garantir mais segurança na exe-

cução dos seus planos hostis e venenosos que ele imprime contra o homem nobre, enquanto que este prefere afirmar inconscientemente os seus instintos de liberdade.

Os conceitos "mau" e "ruim" parecem opostos ao significado de "bom". Porém, o "ruim" é de origem nobre, designando o oposto de "bom", uma concepção nascida espontaneamente, diferentemente de "mau", concepção oriunda do ódio insatisfeito. O primeiro uma criação posterior; o segundo uma criação original, anterior e feita a partir de uma concepção de uma moral escrava. E o que é propriamente mau no sentido da moral escrava? Com certeza será o "bom" da moral nobre, o poderoso visto de outra forma pela moral dos ressentidos. Portanto, qualquer um que tivesse os "bons" como inimigos os reconheceria somente como homens "maus". Maus por sua ousadia, por suas vitórias. "Na raiz de todas as raças nobres é difícil não conhecer o animal de rapina, a magnífica besta loura que vagueia ávida de espólios e vitórias". (NIETZSCHE, 2006, p. 32). E o que se vê com essa cultura do ressentimento é a vontade de dominar o animal de rapina que existe no homem, dominá-lo e depois de vencidos e dominados os ideais do homem nobre, conservar suas ficções como os verdadeiros objetos da cultura promovendo um autêntico retrocesso para a humanidade. E é a isso que hoje devemos temer, ao "homem manso", que forjado por essa cultura possa se sentir como apogeu e meta. Para Nietzsche, não se pode ter mais amor e respeito ao homem enquanto este se mantiver preso a esta cultura.

E o "bom" concebido pelo homem do ressentimento? Os homens do ressentimento têm por "bons" aqueles que não ferem, que não insultam, que deixam a vingança por conta de Deus, que não possuem maldade e exigem pouco da vida. É essa fraqueza que para a maioria dos homens é a verdadeira liberdade.

E como se fabricam ideais na terra? Primeiramente, a fraqueza é tida como virtude por um Deus que impõe submissão a ele e que elege a miséria como glória eterna. Tudo, fruto da construção daqueles que se dizem "bons". "Nós somos os justos", dizem eles. Esses doentes fabricantes de ideais. Esses que odeiam a "injustiça", a falta de Deus. E quanto ao

juízo final"? É aquilo que serve de consolo para os seus sofrimentos por toda a vida.

Mas que enquanto não vem preferem viver “na fé, no amor e na esperança. (NIETZSCHE, 2006, p. 32).

A crueldade cristã também tem seu reino: o “reino de Deus”. Mas para vivenciá-lo é preciso longa vida e muita fé, para que possa usufruir da felicidade eterna e do seu triunfo no dia do juízo final.

Em última análise, podemos afirmar que em termos fisiológicos, o ressentimento pode servir como forma de interpretação, tanto para um determinado tipo de moral, a escrava; como, para um determinado tipo de homem, o doente, o fraco, o inativo.

Todavia, interessa destacar que o tema do ressentimento na *Genealogia da Moral*, ultrapassa, tanto o aspecto fisiológico como o psicológico. Fazendo uso do método genealógico, o tema do ressentimento com Nietzsche encerra também um caráter antropológico e social, não só por sua referência a classes sociais (aristocráticas ou sacerdotais), mas pela amplitude que alcança na interpretação nietzscheana da moral, da política e do direito.

Referências Bibliográficas

NIETZSCHE, Friedrich. *Genealogia da moral: uma polêmica*. Tradução Paulo César

de Sousa. 9. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. 179 p.

_____. *O Anticristo*. Tradução de Paulo César de Sousa. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. 169 p.

_____. *Além do bem e do mal*. Tradução de Paulo César de Sousa. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. 271 p.

_____. *Crepúsculo dos ídolos*. Tradução de Paulo César de Sousa. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. 154 p.

_____. *Ecce Homo*. Tradução de Paulo César de Sousa. 2. Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. 153 p.

BARROS, Fernando de Moraes. *A maldição transvalorada: o problema da civilização em o Anticristo de Nietzsche*. São Paulo: Editora Unijui, 2002 204 p.

BRUSOTTI, Marco. Ressentimento e vontade de nada. Tradução de Ernani Chaves. *Cadernos Nietzsche*. São Paulo: Editora GEN – Grupo de Estudos Nietzsche, v. 8, 2000, 34 p.

MÜLLER-LAUTER, Wolfgang. *A doutrina da vontade de poder em Nietzsche*. Tradução de Oswaldo Giacóia Junior. São Paulo: ANNABLUME, 1997. 156 p.